



Para novos modos de projetar: relato da experiência *Devir-fungo!*

For new modes of designing: report of the experience *Becoming-fungal!*

Clara P. Acioli, Mestranda, PUC-Rio

aciolic@gmail.com

Carlo Franzato, Doutor, PUC-Rio

carlofranzato@puc-rio.br

Resumo

As inquietantes configurações climáticas, ambientais, sociais e subjetivas que representam o que alguns têm chamado de Antropoceno, convocam a repensar o design e as demais disciplinas projetuais. Especialmente no campo do design para a sustentabilidade, nota-se a possibilidade de abertura de brechas para buscar e propor novos modos de criação que se inspiram nas ecologias e se entrelaçam com os estudos multiespécies. Neste artigo, sugere-se a oportunidade de procurar parcerias projetuais outras-que-humanas e avalia-se como essas parcerias podem nos ajudar a pensar e fazer design de outras formas. O artigo é guiado pelo relato da experiência “*Devir-Fungo! Micélio como método*” elaborada por Yasmine Ostendorf-Rodríguez. A atividade é organizada por meio de perguntas e reflexões coletivas sobre os modos de vida dos fungos. Finalmente, os ensinamentos criativos derivados dessa experiência são trazidos para o campo do design. Em tempos de solucionismos, individualismos e simplificações, o artigo propõe perguntas, parcerias inusitadas e complexidades.

Palavras-chave: Design; Fungos; Antropoceno, Multiespécies

Abstract

The unsettling climate, environmental, social, and subjective configurations representing what some have termed the Anthropocene, call for a rethinking of design and other project disciplines. Especially in the field of design for sustainability, there is a noticeable possibility of opening gaps to seek and propose new modes of creation inspired by ecologies and intertwined with multi-species studies. This article suggests the opportunity to seek project partnerships that are other-than-human. And how these partnerships can help us think about and undertake design in different ways. The article is guided by the account of the experience “Becoming-Fungus! Mycelium as a method” developed by Yasmine Ostendorf-Rodríguez. The activity is organized through collective questions and reflections on the lifestyles of fungi. Finally, the creative teachings derived from this experience are brought into the design field. In times of solutionisms, individualisms, and simplifications, the article proposes questions, unusual partnerships, and complexities.

Keywords: Design; Fungi; Anthropocene, Multispecies

1. Introdução

Este artigo propõe relatar alguns dos temas da oficina *Devir-Fungo! Micélio como método* elaborada pela artista e curadora Yasmine Ostendorf-Rodríguez. Assim como aproximar os ensinamentos que ela reúne da experiência com os fungos para o design.

Aqui, o design é entendido como prática de projeção e experimentação, ação de trazer “coisas” ao mundo. Ingold (2012) entende “coisa” como um entrelaçar de fios, que não se limita aos contornos de objeto, mas vaza, se integrando às dinâmicas vitais ambientais, sendo continuamente formadas e transformadas. Esta compreensão do design traz junto a necessidade de avaliar nossa responsabilidade como designers e como fazemos design hoje, uma vez que estamos interferindo no entorno, ao inserir objetos no mundo.

Como acusa Escobar, “o design é fundamental para as estruturas insustentáveis que mantêm o chamado mundo moderno contemporâneo” (ESCOBAR, 2016 *apud* BIZ, P., DIEGO, C., *et al* p.2). Essa afirmação nos confronta com a atuação da disciplina ao longo dos últimos dois séculos de industrialização e desenvolvimentismo e a colaboração para as violências sociais, materiais e ambientais que resulta em desigualdades, desastres e descoordenações. Mas também aponta para a oportunidade de assumir a responsabilidade e rever os princípios da disciplina, buscando caminhos para redirecionar o design.

A atividade que será relatada no artigo, aponta para possíveis caminhos projetuais. Deriva da pesquisa feita por Ostendorf-Rodríguez no processo de escrita do livro *Let's Become Fungal! Mycelium Teachings and the Arts: Based on Conversations with Indigenous Wisdom Keepers, Artists, Curators, Feminists and Mycologists*, ao longo dos últimos dois anos e meio. Yasmine é fundadora do Green Art Lab Alliance, uma rede de organizações culturais na Europa, América Latina e Ásia que busca justiça social e ambiental. Ela é autora da série de guias *Creative Responses to Sustainability*, e do livro que cito anteriormente, lançado em Agosto de 2023. Junto ao livro, ela vêm realizando workshops para apresentar os ensinamentos (*teachings*) que os fungos, e pessoas que convivem com os fungos, podem nos trazer para imaginarmos e nutrirmos outros modos de trabalhar, nos organizar e relacionar uns com os outros, vislumbrando estratégias para desenvolver sistemas alternativos para nossa sociedade, que sejam mais justos social e ambientalmente.

Em seu livro, Ostendorf-Rodríguez aborda algumas questões centrais: “Quais sistemas atuais podem ser substituídos por outros, inspirados pelo micélio?”; “Como queremos viver em relação aos outros?”; “O que podemos aprender com os micélios sobre nossas interconexões?”¹

A inspiração para o livro vem de uma experiência de Ostendorf-Rodríguez com o shiitake (*Lentinula edodes*). Durante a pandemia da covid-19 ela trabalhou em uma fazenda de produção de cogumelos em Minas Gerais, onde começou a conviver intensamente com esses seres. Foi a partir da percepção de mudanças em seu próprio comportamento que iniciou a pesquisa do livro *Let's Become Fungal!* organizado por meio de perguntas e diálogos com micófilos que levaram a reflexões coletivas sobre os modos de vida dos fungos (2023).

¹ Informações reunidas de conversas com a autora durante o workshop e amparada em conteúdos postados por ela (OSTENDORF-RODRIGUEZ, 2023a) e na entrevista de Joey Levenson (2023).

A metodologia de pesquisa adotada neste artigo combina elementos práticos e teóricos, centrando-se no relato da experiência da oficina proposta por Ostendorf-Rodríguez, na qual atuei como observadora-participante. Durante a realização da oficina, foram feitas anotações detalhadas das conversas e interações entre o grupo e a mediadora. Além disso, complementamos a pesquisa com a leitura de entrevistas disponíveis online e textos relacionados ao projeto de Ostendorf-Rodríguez. Também foram incluídas referências de textos de outros autores, como Donna Haraway (2023), Caio Vassão (2010), e Suzanne Simard (2022), que enriquecem o contexto e as discussões do trabalho.

A escrita posterior à atividade desempenhou um papel fundamental no processo de análise e síntese das ideias e associações que emergiram da oficina, bem como na integração das contribuições teóricas dos autores citados. Dessa forma, o método resulta em um mapeamento de interesses, sugestões e inspirações para se repensar os modos como projetamos.

Foram selecionados alguns pontos de interesse do processo, organização e conteúdo da atividade apresentada por Ostendorf-Rodríguez que podem ser aproveitados para o design. O modo de proceder e organizar a pesquisa por perguntas utilizado por Ostendorf-Rodríguez lembra da proposição de “projeto como pergunta” de Vassão (2010) em *Metadesign: Ferramentas, estratégia e ética para a complexidade* que se opõe à ideia de que projetar simplifica-se a “resolver problemas”.

A autora acredita e defende no livro que as espécies que se encontram para uma sobrevivência interconectada e colaborativa, experimentam trocas mutuamente benéficas (OSTENDORF-RODRIGUEZ, 2023). Esta proposição colabora com o presente artigo e a pesquisa em andamento no mestrado acadêmico, em que apresento a colaboração multiespécies (entre humanos e não-humanos) no design a partir do conceito de simpoiesis (fazer-com) (HARAWAY, 2023) como um caminho e inspiração para repensarmos o modelo de produção hegemônico que serve ao sistema industrial e desenvolvimentista.

Os assuntos abordados na oficina, assim como a metodologia de pesquisa e processo para a realização do livro recém-lançado por Ostendorf-Rodríguez, trazem pontos relevantes que podem ajudar àqueles que se propõem a pesquisar outros processos de design.

2. Devir-fungo! Elucidações a partir da experiência coletiva

Devir-fungo! Micélio como método foi um workshop que Yasmine Ostendorf-Rodríguez ministrou no dia 05 de Junho de 2023 durante o seminário internacional *Museu Metabólico* no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro. Como forma de aproximar esta experiência das questões levantadas no artigo, será feito um relato descritivo das atividades partindo de anotações, fotografias, memórias e, entrelaçados no relato, associações da minha pesquisa de mestrado, com citação dos autores que colaboram com as ideias apoiadas no artigo.

A atividade começou com uma caminhada pelo salão para sensibilizar os participantes em relação ao espaço e aos outros. Em seguida, Ostendorf-Rodríguez que atuava como mediadora, iniciou uma meditação guiada. Os participantes foram conduzidos a imaginar e se conectar com o universo dos fungos: criando redes de micélios se enroscando com as raízes das

árvores e formando redes subterrâneas interconectadas. Em seguida, a partir de um rolo de barbante que era passado de mão em mão, os participantes foram convidados a se apresentar (Fig. 1). Esse movimento de pegar e lançar um fio, esperando que a outra pessoa segure e continue a passar, pode ser uma representação da associação de ideias, passadas adiante, se entrelaçando com outros fios-ideias, enlaçando elementos e pessoas no percurso, assim como a comunicação dos fungos.

A imagem tramada que se formou com a dinâmica lembra também os *Jogos de Barbante* (*String Figures*) de Donna Haraway (2023) (Fig. 2), onde cada configuração de jogo, das pessoas e contextos forma um desenho diferente, uma rede que se constitui a partir de quem participa e como participa. Assim também é na pesquisa, no processo de criação e projeção. “As espécies companheiras fazem jogos de figuras de barbante, nos quais quem é no/do mundo se constitui em intra- e interação.” (HARAWAY, 2023). Uma vez desenhada a trama em barbante, têm-se um desenho coletivo. Pode-se pensar um processo conjunto de criação em rede com um tema de encontro: fungos.



Figura 1 e 2: À esquerda, inâmica do workshop *Devir-fungo!* Fonte: fotografia de Mari Bley. À direita, *Cat's Cradle / String Theory [Cama de gato/Teoria do barbante]* de Baila Goldenthal, em 2008. Fonte: HARAWAY, 2023, p. 67.

A maioria dos fungos formam filamentos multicelulares chamados hifas, as hifas entrelaçadas e fundidas formam as redes de micélio, por onde são transportados água, nutrientes e conduzidos impulsos elétricos com diferentes tipos de informação. Merlin Sheldrake complementa: “O micélio representa o mais comum dos hábitos dos fungos e pode ser bem entendido não como uma coisa, mas como um processo – uma tendência irregular e exploratória” (SHELDRAKE, 2021 p.14).

Ostendorf-Rodríguez apresentou seu projeto de pesquisa para o grupo através de doze ensinamentos (*teachings*). Os ensinamentos são organizados pelos temas que foram conversados ao longo da pesquisa com pessoas que se inserem em diversos contextos: da agricultura, das artes, dos movimentos ativistas, e comunidades indígenas. Os ensinamentos definem os capítulos do livro e são formados por uma pergunta e uma frase complementar. Do vídeo de divulgação do livro de Ostendorf-Rodríguez destaca-se a frase “Os fungos lançam perguntas, nunca respostas” (OSTENDORF-RODRÍGUEZ, 2023).

A prática de tecer perguntas, como exemplificada por Ostendorf-Rodríguez, se torna um método oportuno em um mundo onde a certeza é fugaz e as respostas são fluidas e multifacetadas. Ao investigar as possíveis simbioses entre o design e os ecossistemas fúngicos

disparadores de perguntas, pode-se identificar um terreno fértil para práticas de projeto marcadas não pela busca de soluções definitivas, mas pela contínua geração de perguntas, que, por sua vez, catalisam a descoberta e a inovação, e são mais adequadas às constantes transformações do mundo e da sociedade. Afinal, como Vassão (2010) sinaliza, o ato de projetar não deve ser reduzido à “resolver problemas”, mas deve poder explorar profundamente as inquietações que esses problemas levantam. “O projeto, e qualquer outra forma de criação, é um campo problemático, no sentido de compor um campo de problemas cujo destino não é a solução, mas sua composição em possibilidades de ação” (VASSÃO, 2010 p. 271).

A crítica aos “solucionismos” no design se mostra relevante nesta investigação. Em um mundo marcado pela complexidade e incerteza, a tendência de oferecer soluções rápidas, isoladas e definitivas é não apenas insustentável, mas muitas vezes, contraproducente. Cada “solução” traz consigo novos desafios, questões e, muitas vezes, mais problemas (FLUSSER, 2007). As contribuições de Latour (2014) reforçam esta ideia, apontando uma lacuna no design, capaz de habilmente projetar, prototipar e modelar, mas não conseguir representar nos objetos as controvérsias, contextos, partes conflituosas que permeiam o desenho e o projeto. “Continuamos incapazes de agrupar através do desenho, de simular, de materializar, de aproximar, de modelar o que é uma coisa, em toda sua complexidade” (LATOURE, 2014 p.20). A ideia de que não existe uma solução pontual não deve ser paralisante, ao contrário, se intenciona a abrir o campo de possibilidades e de ação plural com responsabilidade e criatividade diante do desafio de projetar e trazer “coisas” ao mundo.

Os ensinamentos fúngicos de Ostendorf-Rodríguez, apresentam perguntas que não necessariamente precisam de respostas mas abrem caminhos para novas discussões e modos de existência. Estão descritos a seguir os ensinamentos (*teachings*) com os comentários feitos ao longo da apresentação de cada um deles. Os comentários estão em itálico e são anotações de conversas e de primeiras impressões do grupo acerca dos temas.

Ensino um: Como se tornar fúngico? Aprendizado corporal e fúngico. (*Um corpo compartilhado / O corpo humano é formado além de células humanas, por muitos fungos, bactérias e vírus*);

Ensino dois: Como avaliar nossa memória coletiva? Reconhecendo os emaranhados como uma prática de responsabilidade. (*O micélio como arquivo coletivo cultural, que guarda informações e sabedorias da floresta*);

Ensino três: Como se organizar como um micélio? Construindo relações de solidariedade e troca entre disciplinas e fronteiras. (*Movimentos sociais e redes de resistência / Relações de trocas não transacionais, não bilaterais e não imediatas*);

Ensino quatro: Como repensar a decadência e a decomposição? Precisamos falar sobre a morte. (*Repensando o lixo, o descarte / A relação com a morte e os tempos naturais / A importância da espiritualidade e dos rituais para os fins*);

Ensino cinco: Como entender a proximidade da toxicidade? Resistindo a demanda da “pureza”. (*Repensar a relação com o “impuro”, o “misturado”, o “sujo” em contraste com a busca pela pureza, pela unidade e pela esterilização*);

Ensino seis: Como a nossa imaginação pode moldar novos mundos? De-zumbificando e re-treinando os nossos sentidos. (*O despertar das sensibilidades outras / Abertura para a percepção de mundo de outros seres, humanos e não-humanos*);

Ensino sete: Como escapar da categorização? Pensando e sendo não-binário. (*Resistência aos enquadramentos dicotômicos / Diversidade dos fungos / Alguns fungos possuem mais de 20 mil compatibilidades sexuais*);

Ensino oito: O que os fungos nos ensinam sobre modelos de colaboração multiespécies? Colaborando com o mais-que-humano. (*A possibilidade de convivência consciente e colaboração interespecífica*);

Ensino nove: Como transitar por diferentes noções de tempo? Sobre invisibilidade, silêncio e não-linearidade. (*Pensar outras formas de se relacionar com o tempo / Os fungos decidem quando querem ser vistos*);

Ensino dez: Como lidar com a insegurança? Aceitando o mistério e a surpresa. (*Rever a relação com a necessidade de controle e segurança / Aprender a viver com a vulnerabilidade e instabilidade*);

Ensino onze: Como a linguagem pode nos guiar no paradigma fúngico? A comunicação é constante e infinita; (*Redes de comunicação e troca de nutrientes / Globalização e novas tecnologias*);

Ensino doze: Como implementar esses ensinamentos nas nossas vidas? Ache seu alter ego fúngico.

Após a apresentação dos ensinamentos junto aos participantes (Fig. 3), foram formados quatro grupos. O grupo de discussão do ensino oito - colaborações multiespécies – foi escolhido para compor o artigo, uma vez que este tema contribui para a aproximação do conteúdo do workshop com um dos tópicos que procuramos abordar – design e colaboração. O grupo era composto por cinco pessoas que escolheram ir para a área externa do casarão (Fig. 4).



Figura 3 e 4. À esquerda, roda de conversa no workshop *Devir-fungo!* À direita, grupo oito em diálogo. Fonte: fotografias de Mari Bley

Em grupo foram discutidos os sistemas complexos de colaboração, trocas de informação e nutrientes entre plantas e micélio a partir dos estudos da ecóloga Suzanne Simard, que pesquisa as redes miceliais subterrâneas e a comunicação entre espécies vegetais e alguns microrganismos, como os fungos. As micorrizas, parte dessa rede, são órgãos compartilhados formados por raízes finas (plantas) e hifas (fungos), por onde trocam carbono por nutrientes (SIMARD, 2022). As redes de micélio podem ter quilômetros de extensão e interligar florestas inteiras, como é o caso do micélio da espécie *Armillaria* no Oregon (SHELDRAKE, 2020).



Figura 5: Micélio em rede. Fonte: fotografia da autora

Suzanne Simard (2022), fala sobre a árvore-mãe e a capacidade de armazenamento de memória da floresta. As árvores-mãe são árvores mais velhas, e possuem um número maior de conexões com outras. A presença da árvore-mãe na rede micelial pode quadruplicar a chance de sobrevivência de árvores mais jovens e prepará-las para riscos futuros. Isso porque a troca não é somente na linguagem do carbono, fósforo ou potássio, mas também em sinais de defesa e hormônios. As redes de comunicação não se restringem a organismos da mesma espécie, apesar de que, segundo Simard (2022), há sim uma preferência por parentescos diretos, árvores mães e filhas. Em situações de stress, no entanto, todos os organismos colaboram. (SIMARD, 2022)

Nesses intrincados sistemas de colaborações multiespécies, a questão da afinidade entre as espécies foi um ponto de interesse do grupo de discussão, levando aos questionamentos de com quem nos unimos nos momentos de tranquilidade, com quem nos unimos nos momentos de crise e ameaça, e se tendemos a parcerias improváveis em situações de stress.

Quando se transpõe essas questões de parcerias e afinidades para o design, a discussão pode ficar bastante interessante e se aproximar das ideias do co-design e do design participativo, que propõem o envolvimento de não designers e do público em geral no processo de criação (SANDERS e STAPPERS, 2008). Os insights do workshop alertam para as possibilidades de ir além do envolvimento de outros humanos e perceber potenciais parcerias de projeto e criação com seres inusitados, como os fungos.

Donna Haraway (2023) em seu livro *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno* fala da importância dos parentescos estranhos. Segundo ela, diante do contexto de tempos perturbadores que estamos vivendo e vamos continuar vivendo, essa habilidade de formar parcerias com outros seres é crucial. É importante ter capacidade de resposta conjunta às descontinuidades e aos ressurgimentos.

A missão é formar parentescos em linhas de conexão inventivas como uma prática de aprender a viver e morrer bem uns com os outros em um presente espesso. (HARAWAY, 2023 p.13)

Nem os bichos nem as pessoas poderiam ter existido ou resistido se não pudessem contar uns com os outros por meio de práticas curiosas e contínuas. Vinculados a passados ainda em curso, eles avançam juntos em presentes espessos e futuros ainda possíveis (HARAWAY, 2023 p. 239)

Fungos, micélios e cogumelos são potentes catalizadores para reflexões das mais diversas sobre os modos de vida e morte e sobre habitar a terra. No design, dentro da perspectiva de um design sustentável, não há como dissociar as relações entre espécies, interdependências e os modos de vida cíclicos. Designs são feitos em rede e usufruídos em rede. O ciclo de vida de um produto deve ser pensado em uma lógica resiliente de trocas e destinos circulares, assim como os ciclos naturais. Os fungos como decompositores têm muito a ensinar sobre regeneração, sobre transformação e sobre a continuidade da vida e da morte.

3. Considerações finais

Neste artigo, ancorado nas perspectivas apresentadas por Ostendorf-Rodríguez e explorando as contribuições de autores como Vassão (2010), Simard (2022) e Haraway (2023), emergem oportunidades para repensar o design dentro das complexidades do Antropoceno. Esta reflexão sobre o “devir-fungo”, oferece um quadro rico para identificar alguns paradigmas do design em um mundo em constante mudança.

A pesquisa que acompanha o artigo faz parte de um escopo mais amplo. As perspectivas são de continuar a investigação sobre a participação e influência dos fungos no processo criativo de projetos de design, arte e arquitetura que trabalham com estes seres, buscando ressonâncias das descobertas processuais para a aplicação nos campos criativos de uma forma geral. A pesquisa para realização do artigo proporcionou indicações metodológicas e conceituais que além de estarem apresentadas neste artigo, serão adotadas na pesquisa do mestrado em andamento.

O modo de proceder por perguntas pode ser um estímulo para se aprofundar na complexidade dos sistemas, revelando a natureza intrincada e interdependente de nossa existência coletiva. Por isso, um caminho é abraçar o incerto, o ambíguo e o complexo, vendo cada problema não como um obstáculo, mas como um guia para explorar, descobrir e co-criar em um mundo caracterizado por relações entrelaçadas e dinâmicas. O design nesta perspectiva deve ser visto como um processo contínuo de perguntar, aprender e adaptar-se.

A experiência *Devir-Fungo! Micélio como método* destaca também a potência dos encontros presenciais, onde interações genuínas e a troca de perspectivas podem ocorrer. O ambiente físico, acompanhado da mediação de Ostendorf-Rodríguez, demonstrou como a presença e a interação direta são cruciais para fomentar uma profunda compreensão e empatia, características importantes para se deixar afetar pelas questões propostas.

A ideia de parcerias outras-que-humanas apresentadas no artigo a partir de Haraway (2023) e Simard (2021) apontam para os fungos e suas relações simbióticas como inspiração para um modo de projetar menos antropocêntrico e mais afinado com as relações de interdependência. Aposta-se na possibilidade da inclusão de parcerias outras-que-humanas nos processos projetuais como caminho para repensar o design e os modos hegemônicos de fazer design. Inspirado pela organização micelial dos fungos, descrita por Simard (2021) e Sheldrake (2021), percebe-se um potencial modelo para o design que valoriza a interconexão, colaboração e adaptação.

Para além das parcerias não-humanas, é observado no processo de Ostendorf-Rodríguez a cuidadosa e consciente escolha de com quem ela está pensando e colaborando, das parcerias humanas. Quais as vozes que queremos perto para dialogar e construir redes? Com quem queremos nos juntar para fazer pesquisa e pensar design? Essas escolhas são políticas e importam ao projeto. Ostendorf-Rodríguez deixa claro com quem está pensando ao optar por incluir vozes em sua maioria de mulheres: indígenas, feministas, guardiãs do conhecimento, artistas, curadoras e biólogas e estampar essa informação na capa de seu livro. Importa com quem fazemos-design-com.

Importa quais ideias usamos para pensar outras ideias. (...) Importa quais pensamentos pensam pensamentos. Importa quais conhecimentos conhecem conhecimentos. Importa quais relações relacionam relações. Importa quais mundos mundificam mundos. Importa quais histórias contam histórias. (HARAWAY, 2023, p.66)

Talvez possa se propor: importa quais projetos projetam projetos. Essas afirmações dizem muito respeito aos contextos, às responsabilidades, às conexões e às parcerias de trabalho. O que muito tem a ver com os caminhos para um design mais coerente com as urgências climáticas, sociais e ambientais. Desobedecer aos princípios do design industrial no modelo vigente e reinventar formas de fazer design, propondo novos materiais, processos e sistemas, fazendo novas parcerias, é o caminho que se defende para continuarmos a viver em um mundo habitável em tempos por-vir e futuros possíveis por-imaginar.

Referências

- BIZ, P., DIEGO, C., THEMOTEO, P., SOARES, F., SZANIECKI, B., ANASTASSAKIS, Z. **Design micelial: uma proposta para agricultura urbana a partir dos projetos do Laboratório Espaços Verdes da ESDI/UERJ**. Lugar Comum - Estudos de mídia, cultura e democracia, 0(53), 126-144, 2021
- ESCOBAR, A. **Designs for the Pluriverse**. Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds. Duke University Press, 2018
- FLUSSER, V. **O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac & Naif, 2007.
- HARAWAY, D. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. Tradução Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 edições, 2023
- INGOLD, T. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos em um mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun, 2012
- LATOURE, B. **Um Prometeu cauteloso?: alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk)**. Agitprop: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014.
- LEVENSON, J. **What can we learn from fungi? We talk to the author of let's become fungal! on how she synthesised art, science, and activism in a fascinating way**. 2023. Disponível em: <https://www.itsnicethat.com/articles/yasmine-ostendorf-rodriguez-embrace-the-fungal-ethos-illustration-project-040923>. Acesso em: 15 set. 2023
- OSTENDORF-RODRIGUEZ, Y. **Let's Become Fungal: Mycelium Teachings and The Arts**. Amsterdam: Valiz, 2023.
- OSTENDORF-RODRIGUEZ, Y. **LET'S Become Fungal! Trailer video**. Direção de Juan Ferrer. Roteiro: Juan Ferrer. Música: Max Ferrer. [S.I]: Museo del Hongo, 2023. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4vpcuRVZI3k>. Acesso em: 05 set. 2023a.
- SANDERS, E; STAPPERS, P. **Co-creation and the new landscapes of design**. Preprint of an article submitted for consideration in CoDesign. Taylor & Francis, March 2008.
- SHELDRAKE, M. **A Trama da Vida: como os fungos constroem o mundo**. Tradução Gilberto Stam. São Paulo: Fósforo /Ubu editora, 2021.
- SIMARD, S. **A árvore-mãe: Em busca da sabedoria da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 408p
- VASSÃO, C. A. Projeto como pergunta. In: VASSÃO, C. A. **Metadesign**. Ferramentas, estratégias e ética para a complexidade. São Paulo: Blucher, 2010, pp. 119-123.